



Raimunda Venâncio é hipertensa e tem de contar com a ajuda dos vizinhos para procurar socorro à noite

Paciente sofre sem atendimento

Enquanto o hospital não sai do chão, a dona de casa Raimunda Venâncio, 42 anos, terá de continuar incomodando seus vizinhos, durante a madrugada, quando a pressão subir e ela necessitar de atendimento médico imediato. "Não aguento mais essa situação. Um dia desses, ainda morro disso", desabafa, na fila do ambulatório do Centro de Saúde do Paranoá.

Assim como Raimunda, mais de 70 mil pessoas - moradores do Paranoá, São Sebastião e das áreas rurais vizinhas - sofrem com a falta de atendimento emergencial. No Centro de Saúde da cidade, onde passam mais de 300 pessoas por dia, uma sala improvisada dá os primeiros

socorros. O centro é preparado apenas para dar atendimento ambulatorial. Não tem raio-x, sala de gesso e nem Unidade de Terapia Intensiva (UTI).

"São mais de quatro a cinco viagens que a nossa ambulância faz todos os dias para os hospitais de Base e da Asa Norte. Isso equivale a mais de 300 quilômetros por dia. Levamos infartados, vítimas de acidente de trânsito e pessoas que quebraram uma perna ou um braço", explica a enfermeira Beatriz Miranda.

Há cerca de duas semanas, a enfermeira, acompanhada pelo administrador do centro, Laelson Leonardo Santos, e representantes da

Administração Regional do Paranoá estiveram reunidos com o ministro do TCU, Adhemar Ghisi, pedindo que o relatório fosse votado logo, já que a retomada das obras depende da conclusão do Tribunal.

O prejuízo, segundo Laelson, é irreversível. Além de conseguir aprovar no Orçamento da União uma emenda que garantiu R\$ 4 milhões para a retomada das obras este ano, o Hospital Regional do Paranoá foi beneficiado com outros R\$ 4 milhões no Orçamento Participativo deste ano. Os recursos, entretanto, ficaram apenas no papel, já que a obra está embargada. (ME)